

ISSN 0101-708X

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

G BOLETIM GOIANO. *de* eografia

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - INSTITUTO DE QUÍMICA E GEOCIÊNCIAS

VOL. 16 - N.º 1 - JAN./DEZ. 1996

A FOME E A GLOBALIZAÇÃO X A GLOBALIZAÇÃO DA FOME: causas e conseqüências da fome no limiar do Terceiro Milênio

José Henrique Rodrigues Stacciarini*

Pelos campos há fome em grandes plantações.

Geraldo Vandrê

RESUMO

A alimentação foi e sempre será condição básica da existência humana. Desde o seu surgimento, a humanidade modifica a natureza, sobretudo para a obtenção de alimentos.

O conhecimento científico dos alimentos e das necessidades nutricionais do ser humano é uma importante conquista do homem moderno, ainda mais no momento em que apenas as reservas mundiais de alimentos são suficientes para garantir a todos mais do que a dieta mínima necessária a uma vida normal.

O meio mais legítimo para garantir uma excelente política de nutrição consiste num processo adequado de desenvolvimento econômico e social que garanta trabalho e justa remuneração a todos, tarefa esta que só será completamente possível com a abolição da sociedade dividida em classes sociais antagônicas.

UNITERMOS: Fome / Necessidade de Comer.

* Professor de Geografia do Campus da UFG / Catalão-GO. Mestrado em Geografia/UNESP - Presidente Prudente.

1. – AS CAUSAS DA FOME

Num mundo em que os subalimentados convivem lado a lado com a fartura e com o desperdício, é inadmissível relacionar fome com falta de alimentos. Somente os alimentos estocados dariam para garantir a alimentação de toda a humanidade durante oito anos. Além disso, nunca se produziu tanto alimento como no momento presente.

Paradoxalmente, a fome está presente, no mundo todo, em plena era dos grandes avanços tecnológicos da humanidade – transplante de órgãos, engenharia genética, robótica, viagens interplanetárias, etc.

No geral, a grande quantidade de filhos (explosão demográfica), a falta de iniciativa dos pobres (preguiça) e os infortúnios do meio natural (seca) são citados, quase sempre, como responsáveis pela existência da fome nos países subdesenvolvidos. Verifica-se, assim, que os aspectos essenciais não são discutidos.

Para Adas (1991), colocada nesses termos, a questão “...cria um sentimento de culpa no despossuído. Que a sua tragédia é criada por ele próprio... Que a sua miséria é fruto de um crescimento populacional acelerado... Que as precárias condições sociais em que vive é resultado da sua incapacidade de produzir riquezas e ascender na pirâmide social”.

Pearl Buck, prêmio Nobel de Literatura do final da década de 1940, já advertia que “a teoria da superpopulação como causa da fome foi apoiada por todos aqueles que gozam e tiram proveito do colonialismo e da guerra”.

Desta maneira, verifica-se que os aspectos precípuos não são discutidos, ou seja, os fatores políticos, econômicos e sociais são negligenciados.

Entre as várias discussões que deveriam ser levantadas e aprofundadas em relação à questão da fome, devemos lembrar que o (neo) colonialismo, de um lado, e o enriquecimento da metrópole, de outro, são termos que sempre estão relacionados (Divisão Internacional do Trabalho).

A redução do cultivo de produtos alimentares em favor da agricultura comercial de exportação foi e é cada vez mais uma realidade. O Brasil é um dos maiores exportadores de produtos agrícolas no mundo enquanto ostenta o título de país com uma imensa população gravemente

desnutrida. Chega-se ao absurdo de colher dez vezes mais soja (para exportação) do que feijão – alimento básico da população.

No que se refere à produção e consumo de alimentos, verificamos que as firmas multinacionais, além de influenciar a produção agrícola dos países pobres, estimulam (através da propaganda!) o consumo cada vez maior de produtos industrializados. Sobre isto Santos (1994) enfatiza que “no mundo de hoje o importante não é produzir, mas fazer circular”.

Na verdade, o mundo empresarial utiliza largamente a mídia como estratégia para a manutenção da eficácia do sistema de produção – consumo. Para que isto ocorra com perfeição, os valores éticos e morais fundamentais são esquecidos com vistas a uma reprodução ampliada do capital – globalização de lucros cada vez mais crescentes.

De acordo com Segnini (1989), na atualidade, “as unidades de produção não dependem dos desejos espontâneos dos consumidores. Elas os criam. Para isto contam com a publicidade que é a mais importante ofensiva contra o direito do consumidor de saber o que quer”.

Para comprovar isto podemos citar que a realização da Copa do Mundo de Futebol profissional constitui, a cada quatro anos, um soberbo fato econômico do “esporte-mídia”. Última fronteira do futebol (*soccer*) amador, os Estados Unidos da América anunciaram um retorno da ordem de 12 bilhões de dólares com a Copa de 1994, advindos principalmente da comercialização dos direitos de publicidade.

Assim, na maioria das vezes, as necessidades básicas não são atendidas e um número cada vez maior de necessidades secundárias é criado. O consumo médio de leite no Brasil, por exemplo, é menos da metade recomendada por organizações internacionais ligadas aos estudos de nutrição.

De maneira contraditória, enquanto faltam alimentos na mesa dos pobres, verifica-se um excessivo consumo de cereais na alimentação dos animais (bovinos, suínos, etc.) nos países desenvolvidos. Trata-se de um grande desperdício, pois, em média, são necessárias sete calorias de origem vegetal para se obter uma caloria de origem animal. O desperdício é muito maior do que se imagina e não pára apenas nesta relação. Segundo a Fundação João Pinheiro, 15 milhões de toneladas de grãos de safra agrícola brasileira deste ano devem se perder na colheita, armazenamento

e transporte. Este desperdício seria suficiente para alimentar mais de um milhão de famílias famintas por um período de dois anos.

O baixo nível alimentar relacionado com a existência de vultosas dívidas externas por parte dos países subdesenvolvidos é uma outra causa da fome que não deve ser esquecida. No nosso caso específico observamos que o Brasil pagou, de 1971 a 1989, mais em juros (120 bilhões) do que o total da dívida (110 bilhões de dólares). Além disso, devemos lembrar que, desde os anos 50, os países subdesenvolvidos começaram a mandar grande quantidade de alimentos (café, açúcar, arroz, soja, etc.) para os países do Primeiro Mundo como forma de pagamento da dívida externa.

Já no que diz respeito aos gastos voltados para a produção de materiais bélicos, o mundo assiste a um consumo de vários milhões de dólares por hora ao mesmo tempo em que um bilhão de pessoas passam fome. Em alguns países faltam coisas simples para a produção de alimentos, tais como sementes e enxadas. Por outro lado, temos que uma em cada cinco crianças norte-americanas passa fome.

No prefácio da edição inglesa do livro *Geopolítica da fome*, Lord Byd Orr (ganhador do prêmio Nobel da Paz) já denunciava que “os governos estão dispostos a juntar homens e recursos para uma guerra mundial, mas as grandes potências não estão dispostas a se unir para banir do mundo a fome e a miséria” (Castro, 1965).

Entre as causas mais repulsivas da fome encontra-se a concentração da renda e da terra nas mãos de poucos no mundo subdesenvolvido. De acordo com dados do IBGE, em 1990, os 10% mais ricos se apropriaram de 53% da renda, fazendo com que a desigualdade social no Brasil seja maior que em Botsuana e Guiné (África). Um exemplo dessa contradição é o fato de nosso país ter a maior frota de aviões executivos do mundo, enquanto a metade da população brasileira ocupada ganha até dois míseros salários mínimos.

Atualmente, segundo a ONU, os 20% mais ricos do Brasil têm um padrão de vida 32 vezes melhor que os 20% mais pobres.

Paralelamente à concentração de renda, o processo de concentração da terra nas mãos de poucas pessoas responde pelo subaproveitamento dos espaços produtivos rurais e pela reprodução de grandes extensões de terras caracterizadas como simples áreas de “reservas de valor”

(latifúndios improdutivos). Neste aspecto, o Brasil também é um dos campeões, pois cerca de 55% das propriedades rurais (pequenos estabelecimentos) possuem menos de 3% da área da nação. Por outro lado, todas as outras áreas plantadas (mercado interno e exportação) juntas não atingem 7% da superfície total do país.

Somam-se a tudo isso o avanço do capitalismo no campo, através dos grandes grupos agroindustriais, e o difícil acesso aos meios de produção pelos trabalhadores rurais que produzem a maior parte dos alimentos dos brasileiros. Como resultado, verifica-se, cada vez mais, a expulsão e a proletarização destes trabalhadores que, em busca de melhores condições de vida, procuram os grandes centros urbanos onde mais gravemente se manifesta o problema da subnutrição.

2. – AS CONSEQÜÊNCIAS DA FOME

O estado de fome prolongada provoca a desnutrição, o que acarreta problemas de saúde e até mesmo a morte. Nas crianças em fase de crescimento, uma alimentação insuficiente é ainda muito prejudicial.

De acordo com as causas, os problemas nutricionais podem ser classificados em três grupos principais: a desnutrição calórico-protéica; a desnutrição por deficiências vitamínicas e a causada por deficiência de minerais.

A desnutrição calórico-protéica atinge grande número de crianças nos países subdesenvolvidos. As formas mais comuns de desnutrição calórico-protéica grave são as doenças denominadas de marasmo e kwashiorkor.

O marasmo, também chamado de desnutrição seca, constitui-se de um déficit calórico global que surge por ocasião do desmame da criança. Esta doença caracteriza-se por súbito emagrecimento, parada de crescimento e debilidade geral. A criança adquire um aspecto que evoca a velhice (com os ossos salientes) e pode chegar a ter seu peso reduzido à metade do normal.

O kwashiorkor, também chamado de desnutrição úmida, é uma doença causada pela falta de proteínas que geralmente ocorre a partir da

metade do primeiro ano de vida. Caracteriza-se por apresentar lesões do fígado, inchaço de ventre, retardamento e comportamento apático. A criança portadora desta doença pode, em alguns casos, atingir a idade dos três anos sem andar. A palavra kwashiorkor é originada do dialeto africano Ashanti (Ghana) que significa “criança a mais” ou “criança desmamada”.

Abramovay (1992) ressalta que

o kwashiorkor não provoca o emagrecimento da criança, mas um inchaço nos braços, pernas, costas e mãos, que pode até dar a impressão de gordura, mas que, na realidade, é uma cruel marca da fome; os cabelos se descolorem e caem, de tão fracos, e a pele apresenta sinais que poderiam ser confundidos com uma queimadura. O fígado não consegue mais assimilar as proteínas e deixa-se tomar pelas gorduras.

As crianças oriundas de famílias pobres que sobrevivem às deficiências calórico-protéicas graves (desnutrição de 3.º grau) ao atingirem a idade escolar freqüentemente demonstram sinais de nanismo nutricional que tem como característica o pronunciado déficit na estatura.

Atualmente existem, no Nordeste brasileiro, comunidades rurais em que o nanismo atinge mais de 40% das crianças como resultado de carências nutricionais crônicas. Este fato é explicado pela instalação de grandes usinas canavieiras que acabam com a agricultura de subsistência.

Se a desnutrição calórico-protéica atinge grande número de crianças nos países subdesenvolvidos, o mesmo também ocorre com a desnutrição causada por deficiências vitamínicas.

Entre as principais doenças causadas pela deficiência de vitaminas podemos citar a xeroftalmia, o raquitismo, o beribéri, o escorbuto e a pelagra.

A xeroftalmia, também chamada de “doenças das trevas”, é causada pela deficiência acentuada de vitamina A (retinol) e caracteriza-se pela perda da visão.

Conforme Adas (1991),

a xerofthalmia ocorre comumente em crianças dos países subdesenvolvidos, sendo sua incidência muito elevada em regiões onde a alimentação da criança, após o desmame, consiste basicamente de carboidratos, como a mandioca, o milho e o arroz, e não há a ingestão suficiente de frutas, hortaliças e produtos de origem animal.

Um grande recurso para evitar a xerofthalmia é o enriquecimento, com vitamina A, dos alimentos habitualmente consumidos pelas crianças.

O raquitismo é outra doença relacionada com deficiências vitamínicas. Em função da falta de vitamina D, os ossos das crianças não se calcificam adequadamente à medida que se desenvolvem. Tornam-se maleáveis e distorcidos.

A vitamina D não é encontrada pronta na maioria dos alimentos. Em geral, o que existe é um precursor que se transforma na vitamina quando exposto aos raios ultravioleta da luz solar, principalmente, antes das 10 horas.

Além dos problemas nutricionais causados por deficiência calórico-protéica e daqueles causados por falta de vitaminas, temos as deficiências minerais que também respondem por várias doenças.

A anemia ferropriva (falta de ferro) é responsável por um considerável número de pacientes doentes no mundo todo. Os grupos mais vulneráveis são as gestantes, os lactentes e as crianças.

O elemento mineral ferro é muito importante por ser um constituinte básico da hemoglobina – substância do sangue que fixa o oxigênio e o transporta aos tecidos. O uso de panelas de ferro ou a colocação de um pedaço de ferro (uma ferradura, por exemplo) junto aos alimentos que estão sendo cozidos são medidas que ajudam a prevenir a deficiência de ferro no organismo.

Se a falta de ferro provoca anemia, a deficiência de iodo, por sua vez, pode provocar o bócio (inflamação da glândula tireóide) e o cretinismo (doença em que a criança fica fraca, surda e com retardamento mental).

Além das várias doenças citadas, podemos destacar que muitos problemas, com outras causas, podem ser agravados por uma alimentação insuficiente ou inadequada. Um simples resfriado, por exemplo, torna-se mais grave e duradouro quando ataca uma pessoa mal nutrida.

O próprio corpo humano pode se transformar rapidamente e determinar o aparecimento de significativos sinais relacionados com o processo de nutrição.

Vale frisar que a desnutrição responde por grandes danos à inteligência dos indivíduos e, ao atingir massas humanas enormes, torna doente a própria sociedade.

Na verdade, construir uma nação avançada sobre a base de uma população faminta e pouco instruída é uma missão praticamente impossível. Entretanto, muitos governos autoritários tacitamente optaram por este caminho.

3. – CONCLUSÕES

A História não é feita de idéias. As idéias se definem a partir das condições de existência material, sendo o alimento o mais importante dessas condições.

Desde o seu surgimento, a humanidade modifica a natureza, sobretudo para a obtenção de alimentos. Nos primórdios dos tempos, a escassez de alimentos fazia com que a expectativa de vida fosse extremamente baixa.

De tudo que foi explicitado, fica claro que o conhecimento científico dos alimentos e das necessidades nutricionais do ser humano é uma importante conquista do homem moderno. Mas por si só isto não é suficiente. De nada adianta ter conhecimentos sistematizados de nutrição se a fome é uma realidade presente na maioria dos lares, enquanto o desperdício e o superconsumo alimentar fazem parte apenas do cotidiano de uma classe social minoritária (detentores dos meios de produção).

Diante desta situação, todos devem ter conhecimento de que as reservas de alimentos, no mundo e no Brasil, são suficientes para garantir a todos mais do que a dieta mínima necessária a uma vida normal e que a complexa questão da fome tem causas estruturais, as quais dizem respeito à forma como a sociedade capitalista está organizada no mundo todo.

Na verdade, a economia capitalista pode ser perversa em qualquer parte. Como exemplo, citamos que uma em cada cinco crianças norte-americanas passa fome.

É verdade que existem alimentos para todos, mas que estão mal distribuídos é uma verdade ainda maior. Grandes safras são produzidas por povos famintos (trabalhadores), e logo são consumidos pelas classes abastadas, que têm como um dos principais problemas de saúde o excesso alimentar. Somando-se a isso, deve-se ressaltar que as terras para aqueles que querem produzir estão concentradas nas mãos de poucos que não produzem.

Se existem alimentos para todos e se as necessidades nutricionais do ser humano são determinadas cientificamente, a presença da subnutrição – no Brasil e no mundo – constitui um escândalo.

Além de escandaloso, a existência de homens famintos – concomitante ao grande desenvolvimento tecnológico do momento presente (microeletrônica, engenharia genética, novas fontes de energia) – constitui uma situação vergonhosa.

Um simples barril de sêmen, por exemplo, coloca à disposição – para escolha do produtor rural – todo um plantel bovino de alta quantidade, seja do tipo carne, do tipo leite ou mesmo misto. A fome, que rebaixa um indivíduo, rebaixa a sociedade toda. Emancipar-se da fome é indispensável para se atingir a “globalização” da liberdade para a humanidade do terceiro milênio.

De maneira profunda e crítica, todos devem ter plena consciência de que o meio mais legítimo para garantir uma ótima política de nutrição consiste num processo adequado de desenvolvimento econômico e social que garanta a todos o acesso à alimentação, à terra, à educação (inclusive alimentar!) e aos serviços de saúde. Para que isto ocorra, deve ser resgatado o direito de todos ao trabalho e à justa remuneração, objetivos que só serão completamente possíveis com a abolição da sociedade dividida em classes sociais com interesses antagônicos (consumismo × miséria).

ABSTRACT

The alimentation was and will always be the basic condition of the human existence. Since its birth, the humanity changes the nature, especially for the food obtention.

The scientific knowledge of the food and the nutritional necessities of the human being is an important conquest of the modern man, especially in the moment when only

the world's reserves of food are sufficient to guarantee to everybody more than the minimal necessary diet for a normal life.

The most legitimate way to guarantee an excellent food policy constitutes in an adequate process of economical and social development which ensures job and fair remuneration to everybody. This is a task that will be completely possible only with the abolishment of the society divided in social antagonic classes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. *O que é fome*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- ADAS, Melhem. *Fome: crise ou escândalo?* 10. ed. São Paulo: Moderna, 1991.
- AMABIS, J. M.; MARINHO, G. R. *Fundamentos de Biologia moderna*. São Paulo: Moderna, 1991.
- CASTRO, Ana M. *Fome um tema proibido. Últimos escritos de Josué de Castro*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1984.
- CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- CHAVES, Nelson. *Fome, criança e vida*. Recife: Massangana, 1982.
- DAMIANI, Amélia. *População e Geografia*. São Paulo: Contexto, 1991.
- FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, Segundo Caderno, 19 jul. 1991.
- FOME EM DEBATE. Brasília: NEST/UnB, 1988.
- INFORMATIVO DA DÍVIDA EXTERNA. São Paulo: CEPIS/MST, jun. 1993.
- INTERNACIONAL FAMILY PLANNING PERSPECTIVES. New York: Guttmacher Institute, v. 134-7, 1987-1991.
- LACAZ, Baruzzi; SIQUEIRA JR. *Introdução à Geografia médica no Brasil*. São Paulo, 1974.
- LEITE, Maria A. F. P. *Destrução ou reconstrução*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- MITCHELL, Helens. *Nutrição*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1978.
- POPULATION REPORTS. Maryland: Hopkins University, n. 5-32, 1985-1989.
- REVISTA CIÊNCIA HOJE. São Paulo: SBPC, jun. 1994.
- SANTOS, Maria A. *Biologia educacional*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1990.

STACCIARINI, José Henrique Rodrigues. A fome e a globalização x a globalização da fome: causas e conseqüências da fome.... Boletim Goiano de Geografia, 16(1): 41-51, jan./dez. 1996.

SANTOS, Milton. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. Só a geografia reconstrói o país. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 05 set. 1994, p. 1-5.

SEGNINI, Líliliana R. P. *O que é mercadoria*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

